

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS

CURSO DE JORNALISMO

GIULIA CAMACHO ALECRIM PEREIRA

**RELATÓRIO SOBRE A PRODUÇÃO DO LIVRO-REPORTAGEM “DIAS
INTERMINÁVEIS: AS DIFERENTES PERDAS DA PANDEMIA”**

SÃO PAULO

2º SEMESTRE / 2021

GIULIA CAMACHO ALECRIM PEREIRA

**RELATÓRIO SOBRE A PRODUÇÃO DO LIVRO-REPORTAGEM “DIAS
INTERMINÁVEIS: AS DIFERENTES PERDAS DA PANDEMIA”**

Relatório final do TCC II (Trabalho de Conclusão de Curso), apresentado ao Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Patrícia Sheila Monteiro Paixão Marcos.

SÃO PAULO
2º SEMESTRE / 2021

Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de seu autor.

A todos os brasileiros que foram prejudicados pela pandemia.
Todas as perdas são válidas, cada uma com suas peculiaridades.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Presbiteriana Mackenzie por ter sido a minha segunda casa por quatro anos, e por ter me proporcionado e me ensinado tanto.

À minha orientadora, Patrícia Paixão, que passei a admirar antes mesmo de entrar na faculdade, durante um evento para alunos interessados no curso de jornalismo. Você fortaleceu minha segurança no curso e contribuiu para minha vontade de continuar nesse caminho, em cada um dos anos.

À minha família, de pais jornalistas e talentosos, que me inspiraram desde o meu nascimento e continuam a fazê-lo. Para sempre nós três.

Aos meus amigos, que fizeram com que todos os oito semestres passassem tão rapidamente e todos os dias fossem uma diversão. Nada seria o mesmo sem vocês, Laura, Isa, Carol e Bruna.

Aos meus professores, que sempre foram muito mais que isso. De vocês, tentarei levar metade do talento de cada um.

Aos dois estágios que me abriram as portas para o mundo do trabalho e que me tornaram uma profissional: Companhia de Engenharia de Tráfego, meu primeiro emprego e experiência em assessoria de imprensa, e CNN Brasil, onde realizei o meu sonho de trabalhar numa redação.

E, por fim, agradeço às pessoas guerreiras, grandes vítimas da pandemia da covid-19 e as histórias de vida que foram compartilhadas comigo e que relato neste livro. O mundo precisa saber da dor de cada um de vocês.

RESUMO

Este relatório embasa a produção de um livro-reportagem voltado a contar histórias de pessoas que foram prejudicadas pela pandemia da covid-19 e que sofreram perdas materiais ou imateriais significativas. Além de entrevistas imersivas, realizadas com as personagens perfiladas, o livro foi produzido a partir da consulta a estudos que mostram diferentes impactos da pandemia, que desigualou ainda mais índices empregatícios e habitacionais, e passou a abalar relações pessoais, a saúde mental e a ideia que temos sobre o nosso tempo. As fontes documentais consultadas para a obra também foram utilizadas para a produção do relatório de pesquisa. As pessoas cujas trajetórias são retratadas no livro-reportagem foram impactadas de diferentes formas com a chegada do novo coronavírus, tendo seu cotidiano profundamente transformado. A mídia cobriu amplamente a história daqueles que perderam a vida para a doença, mas cabe ao jornalismo também registrar as dores dos que tiveram outros tipos de perda.

Palavras-chave: Pandemia. Covid-19. Perdas. Livro-reportagem. Jornalismo literário.

ABSTRACT

This Undergraduate Thesis supports the production of a book-report aimed at telling stories of people who were harmed by the covid-19 pandemic and that suffered material or immaterial losses. In addition to immersive interviews, carried out with the profiled characters, the book was produced based on the consultation of studies that showed the impacts of the pandemic, which furthered unequal employment and housing rates, and started to shake personal relationships, mental health and the idea we have about our time. The documentary sources consulted for the work were also used to produce the research report. Characters whose trajectories are portrayed in the report-book were impacted in different ways with the arrival of coronavirus, and their daily lives were profoundly transformed. The media extensively covered the story of those who lost their lives to the disease, but journalism is also responsible for recording the pain of those who had other types of loss.

Keywords: Pandemic. Covid-19. Losses, Book-report. Literary journalism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
2.1 A pandemia e seus desdobramentos	11
2.2 O livro-reportagem no jornalismo	13
2.3 Jornalismo literário e a importância do gênero perfil	15
3 DESENVOLVIMENTO DA PEÇA	16
3.1 Pré-produção.....	17
3.2 Produção	21
3.3 Pós-produção	22
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS.....	26

1 INTRODUÇÃO

Até 22 de novembro de 2021, dia anterior à data da entrega deste Trabalho de Conclusão de Curso, a pandemia da covid-19 havia contaminado mais de 22 milhões de pessoas e matado outras 612 mil no Brasil. Mas os mortos pelo novo coronavírus, ou aqueles infectados pelo mesmo, não são as únicas vítimas da doença. O mundo enfrentou uma crise sanitária, política, econômica e social e, em todos esses campos, seres humanos tiveram seu cotidiano abalado.

A pandemia mudou drasticamente a vida de muitas pessoas que, apesar de terem sobrevivido ao vírus, enfrentaram diferentes tipos de perda, como o abalo da saúde mental, a falta de trabalho, de residência, prejuízos na educação, o tempo irrecuperável e o fim de um relacionamento. O vírus fez com que a sociedade tivesse que se adaptar rapidamente a um novo estilo de vida. Não se sabe quando ou como o que foi perdido poderá ser reconquistado.

Enquanto a frase 'fique em casa' era reverberada Brasil afora, pelo menos 22 mil famílias foram despejadas de seus lares e mais de 91 mil estão sob essa ameaça, de acordo com dados da Campanha Despejo Zero, compilados até agosto de 2021. Na saúde, 59% dos psiquiatras brasileiros perceberam aumento de 25% em seus atendimentos desde o início da pandemia, sendo que 82,9% de seus pacientes apresentaram agravamento do quadro. Os dados são da Associação Brasileira de Psiquiatria. Mais de 14,8 milhões estão desempregados e 4,3 milhões de estudantes entraram na pandemia sem acesso à internet, conforme aponta o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Uma pesquisa divulgada em 2021 pela Faculdade Getúlio Vargas destacou que a média da renda individual brasileira caiu 10,89% durante a pandemia, sendo que para a metade mais pobre do país o índice foi de 20,81%. O número de divórcios aumentou 54% entre maio e julho de 2020, e 15% entre o segundo semestre do mesmo ano em comparação com mesmo período de 2019, de acordo com levantamento do Colégio Notarial do Brasil.

A pandemia foi o assunto de maior relevância entre os anos de 2020 e 2021. O mundo ainda tenta entender o que de fato aconteceu e, para isso, é necessário coletar o depoimento daqueles que foram diretamente afetados pela crise. As histórias da

pandemia precisam ser contadas e o jornalismo impresso, por ter a possibilidade de apresentar abordagens mais aprofundadas que outras mídias, em especial na modalidade livro-reportagem, é uma maneira de perpetuá-las e melhor compreendê-las. Além disso, é uma documentação física que pode ser encontrada mais facilmente, diferentemente das veiculações ao vivo, na TV por exemplo, que muitas vezes são reprisadas apenas uma vez. O interesse público na pandemia é compartilhado por pessoas em todo o mundo e o papel do jornalismo é identificar, analisar e noticiar dados e histórias sobre esse período tão marcante do século XXI, algo essencial para que a população possa entender a realidade que enfrentamos. Não só a sociedade atual, mas a futura. Como destaca a jornalista Eliane Brum, em entrevista presente no livro “Mestres da Reportagem”, organizado pela professora Patrícia Paixão, o jornalista, com seu trabalho de registrar os fatos, produz memória e, essa memória, precisa ser bem documentada:

Acho que a gente não pode se esquecer disso. Eu não falo só das grandes matérias. Mesmo com uma nota temos de ter essa preocupação. Nós contamos a história cotidiana, a história contemporânea do nosso mundo, seja o mundo da nossa comunidade, seja o do nosso país. O jornalista é o historiador do cotidiano, o que a gente faz é documento, querendo ou não, com consciência ou não, mesmo que seja um documento da nossa incompetência. A gente influencia o mundo agora e vai influenciar a compreensão do nosso mundo depois, então é uma responsabilidade muito grande. (PAIXÃO, 2012, p.155).

Tendo essa preocupação como norte, e considerando a importância de valorizar as histórias de vidas presentes por trás de números, este estudo procurou responder à seguinte pergunta-problema: como um livro-reportagem de perfis pode ajudar a relatar as diferentes problemáticas surgidas ou acentuadas durante a pandemia da covid-19?

O objetivo principal, então, foi encontrar as pessoas que representassem as múltiplas facetas das dificuldades da pandemia e entrevistá-las, com a vontade genuína de ouvir seus relatos e registrá-los da forma mais fiel possível. Todos nós fomos afetados de alguma forma pela covid, mas alguns mais que os outros. E são esses outros que tiveram espaço para falar no livro-reportagem proposto.

Para abordar o assunto com imersão e sensibilidade, de modo a gerar empatia no leitor, optou-se pelo uso do jornalismo literário, no gênero perfil. O intuito foi narrar as histórias das diferentes vítimas da pandemia de forma expressiva e detalhada, buscando

fazer o leitor se ver nas cenas destacadas pelas personagens, procurando sentir seus dramas e dilemas. Como destaca Sérgio Vilas Boas (2003, p. 14), o perfil é um gênero jornalístico que tem a qualidade de gerar empatia no leitor, que “é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem”.

Para viabilizar o projeto, foram realizadas sete entrevistas com mulheres atingidas de formas diversas pela pandemia. Foi preciso analisar o contexto em que essas pessoas estavam inseridas, para entender os impactos da covid em seus cotidianos.

um levantamento bibliográfico, além da consulta a fontes documentais (com dados estatísticos sobre diferentes impactos da pandemia), foi realizado para compreender o jornalismo literário. Obras como “Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura”, de Edvaldo Pereira Lima, “Perfis e como escrevê-los”, de Felipe Pena, e “Radical Chique e o Novo Jornalismo”, de Tom Wolfe, foram algumas das fontes utilizadas neste estudo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A pandemia e seus desdobramentos

A raiz do problema da pandemia surgiu a partir do momento em que as pessoas precisaram escolher entre privacidade e saúde (HARARI, 2020). Mas elas não deveriam precisar fazê-lo. Populações bem-informadas tendem a seguir orientações voltadas a protegê-las e não necessariamente precisariam ser monitoradas. Mas em algumas democracias, como o Brasil de Jair Bolsonaro e os Estados Unidos de Donald Trump, parte da população encontrou dificuldades em acreditar na ciência, já que seus líderes a descreditavam.

A população, em suas diferentes camadas sociais, foi impactada pela covid-19 de diferentes maneiras. Em contrapartida, pode-se dizer que o abalo à saúde mental foi um tópico comum a todos.

O estudo científico “Mundo laboral e covid-19 - Consequências e possibilidades para a saúde mental”, publicado em outubro de 2020, já associava o aumento no número

de pessoas acometidas por transtornos mentais com o que chamaram de “rompimento abrupto do considerado básico para uma vida digna”, com o desemprego sendo o ponto comum entre pelo menos 14,8 milhões de brasileiros na pandemia.

Neste sentido, torna-se notório que na atual situação, o pós-pandêmico poderá vitimizar muitas pessoas ao redor do mundo, posto que muitos indivíduos estão neste instante passando por situação de desemprego, padecendo num suplício psicológico com o qual jamais puderam lidar e poderão no futuro desenvolver transtornos mentais. (VIEIRA, 2016, apud OLIVEIRA, 2020, online).

O novo coronavírus gerou pressão psicológica e estresse em grande parte da população do planeta. “As incertezas provocadas pela covid-19, os riscos de contaminação e a obrigação de isolamento social podem agravar ou gerar problemas mentais”, destacou, em 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS).

Desde maio daquele ano, a Organização das Nações Unidas já alertava para a crise global de doenças mentais. As pessoas acabaram se sentindo mais ansiosas e desmotivadas pelo medo da contaminação. Como se não bastasse, foram forçadas ao isolamento, que ocasionou a perda de renda e emprego. Somado ao agravante da pandemia, há o fato de que os países investem cerca de 2% de seus orçamentos para a saúde mental (OMS, 2018). Ao mesmo tempo, transtornos mentais geram custos de apenas 4% do PIB mundial, de acordo com a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2014).

De acordo com a edição 294 da Pesquisa FAPESP, de 2020, o agravamento da saúde mental também partiu da transformação no modo de viver e morrer, as despedidas incompletas e a solidão. O sistema de saúde brasileiro não estava preparado para lidar com pessoas que sofrem de depressão, ansiedade e síndrome do pânico. Um exemplo desse despreparo é o dado apresentado em 2019 pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) de que, em países de baixa e média renda, entre 76% e 85% das pessoas que têm diagnóstico para algum transtorno mental não recebem tratamento medicamentoso que poderia controlar o problema.

Além do possível aumento em casos de ansiedade e de depressão, espera-se alguma elevação nos de transtorno de estresse pós-traumático, que consiste na rememoração de eventos altamente estressantes em que há ameaça à vida, e

de luto prolongado, no qual passa a existir a dificuldade de superar a perda de quem partiu. (PESQUISA FAPESP, 2020).

Todo esse aumento de problemas relacionados à saúde mental pode, ainda de acordo com a Pesquisa FAPESP, transformar-se em uma nova pandemia.

O historiador Leandro Karnal trouxe, em entrevista à revista Veja, em abril de 2020, uma reflexão interessante sobre a desigualdade acentuada durante a pandemia. É evidente que o vírus não escolhe aquele que contaminará, mas as escolhas históricas e morais de um país determinaram o infectado mais prejudicado.

(...) as escolhas sociais históricas que fizemos estão revelando algo que, para mim, é o mais trágico dessa epidemia: criamos uma desigualdade tão brutal no Brasil que até a morte é desigual. Há pessoas que não podem fazer quarentena porque não têm dez reais para chegar no dia seguinte e nem comida no refrigerador. Isso é moral e algo para se pensar. Eu não tenho nenhuma raiva do vírus, da bactéria. Tenho raiva da gente. Todos somos culpados pela sociedade que construímos. (KARNAL, 2020).

Muitas pessoas ficaram preocupadas apenas em sobreviver, mas qual o custo disso, afinal? Sobreviver sob tamanho sofrimento está drenando as pessoas e em alguns casos, levando tudo o que elas têm – ou então o pouco que havia restado de outras tragédias. A pandemia tem muitos lados, rostos e perdas. A morte de alguns reflete a permanência de outros. O que os sobreviventes estão sentindo? Quais são as preocupações de quem sofreu um despejo, de quem enfrentou a perda dramática de parte da renda? E daqueles que passaram por um divórcio consequente da pandemia? Ou de alguém que relatou grande impacto na saúde mental com acentuada piora no quadro depressivo e ansioso? O tempo também passou de formas diferentes para cada um, mas e para um idoso que não terá como recuperar os ‘anos perdidos’, depois do fim da pandemia? Todas essas questões ainda têm suas respostas sendo discutidas e merecem ser pensadas pelos campos jornalístico e científico.

2.2 O livro-reportagem no jornalismo

O livro-reportagem, conforme destaca Eduardo Belo (2006), pode ser definido como a complementação dos demais meios de comunicação, uma vez que é capaz de

reunir informações organizadas e contextualizadas sobre um assunto, utilizando técnicas jornalísticas, aprofundamento de abordagem e construção da narrativa.

O livro pede um nível de detalhamento, profundidade e contextualização que outros veículos não conseguem oferecer. Até por sua extensão e pelo trabalho mais acurado de pesquisa, ele leva evidente vantagem em relação aos periódicos na hora de explorar as ramificações de um tema, as conexões entre fatos diferentes, os desdobramentos de cada história e as infinitas maneiras de contá-las. É uma forma de ter uma visão mais ampla e profunda, sem a fragmentação que caracteriza a cobertura jornalística cotidiana. (BELO, 2006, p. 44).

Edvaldo Pereira Lima, um dos principais estudiosos de livro-reportagem no Brasil, concorda com o ponto de vista defendido por Belo.

(...) no sentido da abordagem extensiva em termos de detalhes – e também na sua verticalização – no sentido de aprofundamento da questão em foco, em busca de suas raízes, suas implicações, seus desdobramentos possíveis -, o livro-reportagem é o veículo de comunicação impresso não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação. (LIMA, 2008, p.28).

Um livro-reportagem, como salienta Felipe Pena (2006), baseado nos preceitos do jornalismo literário, não pode ser efêmero ou superficial. O objetivo é fazer com que a obra permaneça existindo e influenciando a história – de modo atemporal.

Para Edvaldo Pereira Lima, o compromisso do autor de um livro-reportagem é estabelecer uma ligação com o leitor, bem como transparecer sua própria visão de mundo. Para que isso seja alcançado, é preciso que o autor fuja das amarras do texto do jornalismo diário, que costuma seguir a fórmula da pirâmide invertida. Nesse sentido, o jornalista-autor pode fazer uso de recursos da literatura, que permitem ao leitor visualizar e sentir as cenas vividas pelas personagens envolvidas nos fatos.

Por ser atemporal, a produção de um livro vai na contramão dos textos do jornalismo *hard news*, com coberturas focadas em matérias quentes, que devem ser rapidamente apuradas, escritas e publicadas. Os jornalistas nas redações que cobrem o dia a dia não conseguem dar conta de todas as informações tratadas de modo aprofundado. É preciso parar, escolher e relatar brevemente algumas delas. Como sugere o slogan do jornal *Times*, mencionado por Eduardo Belo, na obra “Livro-reportagem”, sempre haverá mais notícias do que os diferentes meios são capazes de absorver. Os grandes veículos jornalísticos normalmente priorizam o factual e procuram reduzir o orçamento de produções grandes. Além de pouco dinheiro, não há tempo para

investir em apurações e personagens que seriam necessários para o desenvolvimento de um livro.

2.3 Jornalismo literário e a importância do gênero perfil

Apesar do jornalismo literário não ter nascido em solo norte-americano, haja vista que existiam reportagens que faziam uso de recursos da literatura desde o início do século XX no Brasil e em outros países, foi a partir do movimento conhecido como *new journalism*, desenvolvido nas décadas de 1960 e 1970 nos Estados Unidos, e debatido no ensaio “Novo Jornalismo”, escrito em 1973, por Tom Wolfe, que essa vertente jornalística cresceu em notoriedade, inspirando pessoas em diferentes lugares do mundo. De acordo com Wolfe, os jornalistas passaram a empregar recursos do romance que seriam capazes de envolver emocionalmente o leitor, dentre eles a narração de cenas:

O básico era a construção cena a cena, contar a história passando de cena para cena e recorrendo o mínimo possível à mera narrativa histórica. Daí os feitos de reportagem às vezes extraordinários que os novos jornalistas empreendiam para poder testemunhar de fato as cenas da vida das outras pessoas no momento que ocorriam. (WOLFE, 1973, p. 53).

Outros recursos seriam a escrita de um diálogo realista, capaz de definir o caráter e o jeito de ser do personagem e o “registro minucioso de tudo”, como gestos, roupas e decoração do ambiente em que a pessoa retratada se encontrava.

Já para Felipe Pena (2007), a definição de jornalismo literário não deve se limitar apenas ao emprego de recursos da literatura e outras estratégias voltadas a deixar o texto sedutor. O autor defende que fazer esse tipo de jornalismo é ultrapassar alguns limites do cotidiano, proporcionando visões mais amplas da realidade. Assim, o jornalismo literário deve garantir a profundidade dos relatos e sua perenidade.

Pena considera que o detalhamento das cenas e o uso de outras técnicas da literatura são sim interessantes, mas só fazem sentido se o repórter souber ter a sensibilidade de atribuir a eles significados.

Ainda no que se refere ao jornalismo literário, cabe destacar como um dos principais tipos textuais adequados a essa vertente jornalística o gênero perfil. Nas

palavras de Sérgio Villas Boas (2003), o perfil é relevante por sua durabilidade e narratividade – essa sendo estruturada e reflexiva – e se concentra em alguns aspectos do indivíduo, preocupando-se com a humanização do mesmo.

Os perfis cumprem um papel importante que é exatamente gerar empatias. Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem. Significa compartilhar as alegrias e tristezas de seu semelhante, imaginar situações do ponto de vista do interlocutor. (VILLAS BOAS, 2003, p.14).

Mas a realização de um perfil não é apenas uma entrevista pingue-pongue, como Villas Boas explica. Mais do que encher o personagem de perguntas, deve-se apreciá-lo, indagá-lo e refletir sobre aspectos universais.

Em vez de formular hipóteses, entro no mundo da pessoa sem preconceito, suposições ou teses; tento conhecer algumas de suas facetas (carreira, família, sociabilidades, hobbies, etc.); vou aos lugares que ela frequenta; capto sua visão de mundo e suas marcas de temperamento; e não idealizo ninguém, jamais. E que assim sejam. (VILLAS BOAS, 2014, p. 275).

Os personagens não podem ser vistos unilateralmente, nunca são isso ou aquilo, como Villas Boas descreve. Durante os encontros, é preciso atentar-se ao espaço da entrevista, ao tempo da trajetória de vida e às circunstâncias do processo e do diálogo com aquele que será apresentado no perfil.

3 DESENVOLVIMENTO DA PEÇA

A peça foi desenvolvida em formato de livro-reportagem, utilizando o gênero de jornalismo literário, através dos recursos apontados por Tom Wolfe, no texto “Novo Jornalismo”, citado acima. O interessante desse estilo não é apenas escrever a não ficção, com técnicas associadas ao romance e ao conto, mas excitar intelectual e emocionalmente o leitor. Ao escrever este livro me esforcei a todo momento para, de alguma forma, fazer com que o leitor sinta empatia por todas as histórias que ele terá acesso na obra, e que talvez não tenham tido o aprofundamento necessário no jornalismo *hard news* do dia a dia.

Se levarmos em consideração o tipo de jornalismo literário mencionado na obra de Felipe Pena, esse livro se caracteriza como um romance-reportagem, que mantém uma retratação fiel da realidade, sem grandes invenções deliberadas. O autor explica o conceito deste subgênero com as seguintes colocações:

Em outras palavras, quem faz romance reportagem busca a representação direta do real por meio da contextualização e interpretação de determinados acontecimentos. Não há preocupação apenas em informar, mas também em explicar, orientar e opinar, sempre com base na realidade. Pode até ser que a narrativa se aproxime da ficção, mas isso nunca é feito deliberadamente, ao contrário da ficção-jornalística, que tem na inventividade um componente essencial de suas estratégias. (PENA, 2007, p. 105).

3.1 Pré-produção

Durante a pandemia da covid-19, senti falta da leitura de grandes reportagens ou de perfis de histórias que ilustrassem a crise sanitária do Brasil em forma de jornalismo literário. Grande parte do material encontrado foi veiculado na televisão e continha entrevistas de pessoas que estavam passando por alguma necessidade, sendo que a maioria relatava a perda do emprego ou parte significativa da renda. Algumas matérias que li durante a preparação do meu Trabalho de Conclusão de Curso despertaram em mim uma vontade de também ir atrás dessas pessoas e ouvir suas histórias, trazendo recursos – como o perfil jornalístico – que não tivessem sido tão utilizados, aprofundando essas histórias de vida da maneira que eu quisesse.

Durante os sete meses iniciais de 2021, realizei sete entrevistas. Apesar de eu não visar nenhum gênero específico para os personagens, acabei me deparando apenas com histórias femininas, por isso elas foram escolhidas para serem retratadas no livro. São mulheres de diferentes idades e realidades que me emocionaram e que, no decorrer das entrevistas, enquanto ouvia suas situações, pensava: “eu não fazia ideia de que isso poderia estar acontecendo”. E isso me fazia ansiar ainda mais pela escrita da obra. As escolhas das ‘perdas’ foram baseadas em reportagens que li ou me deparei durante este período e que me despertaram sensibilidade ou interesse. Acredito que todas representem de maneira fiel e verdadeira as parcelas de problemas que grande parte da população enfrentou: o despejo, a perda do emprego e da renda, o tempo irreparável, a

educação, o amor e a saúde mental. Das sete entrevistas realizadas, cinco foram gravadas a distância, entre os meses de fevereiro e julho de 2021, em virtude da pandemia, para garantir a minha segurança e a das entrevistadas. As duas que realizei de forma presencial foram feitas no mês de agosto, quando mais de 80% da população de São Paulo, incluindo eu, já havia sido vacinada. Deixei essas duas para o final também de forma estratégica: foi a entrevista de duas pessoas que foram despejadas antes da pandemia e durante ela. Eu fazia questão de realizá-las pessoalmente, não apenas pela importância da verificação *in loco*, dos detalhes, mas pela vulnerabilidade das pessoas em situação de rua, que poderiam não ter estrutura para fazer uma entrevista *online* (internet, celular ou computador).

O principal objetivo, e o mais desafiador, foi a busca por uma história atrativa, interessante e que tivesse sido diretamente impactada pela presença do vírus.

Como a pandemia continuou sendo o assunto mais abordado e noticiado antes e durante a produção desta peça, parte da apuração foi acrescentar e atualizar dados mensalmente, enquanto o desenvolvimento do livro ocorria. Durante o período de apuração e escrita no último ano, por exemplo, o número de desempregados, de pessoas despejadas, divorciadas e afetadas educacionalmente foi ainda maior.

“O segredo está na apuração. Se você apura direito, se tem as informações, a história meio que se conta sozinha. Aí é que entra essa tarimba de jornalista, do repórter, de saber o que perguntar, como perguntar, saber ouvir, tomar nota, saber reproduzir, e depois saber organizar as informações.” (CASTRO apud PENA, 2008, p.101).

A peça pretendeu, sobretudo, se aprofundar sobre a realidade e as dificuldades dos perfis dos entrevistados e eternizar o retrato de algumas perdas que a pandemia causou. O contexto, as distinções, os problemas e a luta de cada personagem foram minuciosamente descritos e analisados durante a narrativa, a fim de criar e desenvolver uma característica de proximidade com o leitor – técnica utilizada no jornalismo literário.

“O novo jornalista se envolve até o talo com sua matéria e seus entrevistados. É o que os teóricos chamam de *close-to-the-skin-reporting*, cuja tradução mais literal seria reportagem perto da pele. É preciso sentir os poros abertos, a trilha epidérmica, o cheiro de suor.” (PENA, 2008, p. 60).

*Capítulo 1 – Sobre as motivações para a escrita desse livro

A abertura do livro explica o conteúdo e como cheguei à ideia de escrevê-lo. Também descrevo brevemente as histórias que serão abordadas e meus pensamentos e anseios durante a pandemia.

*Capítulo 2: “É morrer de covid ou morrer de fome”

O Brasil bateu o recorde de 14,8 milhões de desempregados (IBGE, 2021) e a média da renda individual de uma família pobre caiu mais de 20% no país durante a pandemia (FGV, 2021). O capítulo sobre perda da renda e emprego traz a história de Karoline da Silva, uma jovem de 18 anos que faz parte dos 34 milhões de trabalhadores informais do Brasil (IBGE, 2021) e que ficou sem poder trabalhar durante a pandemia. Mãe de um filho de um ano e oito meses, perdeu 85% da renda, quando não pode mais alugar um pula-pula, na praça do centro de Recife. Ela cobrava R\$ 3,00 de cada criança que queria se divertir no brinquedo. Com as normas de isolamento, o serviço de entretenimento teve de ser interrompido.

*Capítulo 3: “Foi Deus que guardou a gente. Aqui foi só na base da fé”

Durante os meses de março de 2020 a agosto de 2021 (conforme apontado no início desse relatório) pelo menos 22 mil famílias foram despejadas de seus lares e mais de 91 mil estão sob essa ameaça no Brasil. Depois de perder o emprego durante a pandemia e atrasar o aluguel do apartamento que morava há cinco anos, Ana Paula dos Santos foi despejada e não tinha para onde ir com os cinco filhos. Foi morar debaixo do viaduto Bandeirantes, em São Paulo, onde outras 19 famílias dividem o mesmo espaço. Algumas estão no local há sete anos, como é o caso de Fernanda de Oliveira, que foi despejada de uma habitação ocupada em Osasco, na Região Metropolitana de São Paulo.

Este é o único capítulo que não foi desenvolvido na forma de perfil pelo fato de tratar da história de duas personagens distintas. Optei por fazer dessa maneira, pois achei as duas histórias importantes e não me sentiria à vontade descartando uma delas.

*Capítulo 4: “Tenho medo de não ser ninguém na vida”

O governo de São Paulo criou um único aplicativo para reunir todos os mais de 3 milhões de alunos da rede estadual e disponibilizar aulas *online* durante a pandemia. Algumas salas de aula virtuais contavam com 10 mil alunos, situação que não permite a interação imediata. Muitos estudantes se viram aflitos diante dessa realidade. Kayane Bezerra, de 17 anos, é uma dessas alunas e sua história é contada nesse capítulo. Ela se preocupa em como isso refletirá no seu futuro e não se sente preparada para prestar o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio).

*Capítulo 5: “Não sei quanto tempo de vida tenho”

A vida pós-pandemia e a volta à normalidade foram os desejos de todo o mundo durante a crise da covid-19. O lazer e atividades podem ser rapidamente recuperados pela população adulta e infantil que, depois de dois anos de restrições, ainda será jovem para aproveitar o ‘tempo perdido’. Mas como fica o caso de quem tem pouco tempo de vida? E a situação dos idosos?

O capítulo retrata a história de Jemara Colombo, professora de inglês, que com 66 anos, sente que o período que precisou ficar em casa, isolada durante pandemia, é irreparável. O tempo para os idosos pode ser ainda mais precioso, visto que eles o aproveitam com imensa preocupação, com as limitações que aumentam a cada dia.

*Capítulo 6: “Eu lutei tanto. Por que ele não lutou também?”

O número de divórcios aumentou 54% entre maio e julho de 2020 e 15% no segundo semestre de 2020 em comparação com mesmo período em 2019, de acordo com levantamento do Colégio Notarial do Brasil. As restrições impostas pela covid-19

fizeram com que as pessoas precisassem ficar em casa, o que aumentou a convivência de casais e fez com que problemas surgissem ou fossem acentuados, ocasionando brigas e desentendimentos. É o caso da arquiteta Elizabeth Ferraz que pediu o divórcio em fevereiro de 2021, três meses depois de completar 20 anos de matrimônio com o economista Oliver Seitz. A convivência, somada ao desemprego de dois anos do marido, fez com que a relação se tornasse cada vez mais insustentável. Nesse capítulo, respeitando ao que foi solicitado pelas fontes, usei nomes fictícios para os personagens.

*Capítulo 7: “É como se eu quisesse vomitar a tristeza”

Entre abril e maio de 2020, 85% dos participantes de uma pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde sobre saúde mental na pandemia relataram sentir elevada proporção de ansiedade. Pudera, visto que a população precisou lidar com um futuro cheio de incertezas. O capítulo retrata a história de Aline Cimadon, jovem de 26 anos e recepcionista da UPA Taboão da Serra, na Grande São Paulo, que desde adolescente já lidava com um quadro depressivo e que teve uma piora desse quadro durante a pandemia.

3.2 Produção

O contato e as entrevistas com as fontes foram tranquilos. Todas acharam a proposta do livro interessante e importante e ficaram felizes em participar do trabalho. Cada entrevista durou em média uma hora.

Usei como fontes de inspiração as obras “Hiroshima” (1946), de John Hersey, “A vida que ninguém vê” (2006), de Eliane Brum, “Presos que Menstruam”, de Nana Queiroz, e “Holocausto Brasileiro” (2013), de Daniela Arbex. Todas foram escritas com as técnicas do jornalismo literário, contando histórias minuciosas sobre personagens que sofreram algum tipo de impacto social.

O início de cada capítulo foi apresentado por uma ilustração gráfica, representando o personagem ou sua realidade.

A maioria dos personagens foi encontrada através de redes sociais. Em diferentes publicações que fiz, solicitei indicação de fontes que seguissem os requisitos das histórias nas quais eu gostaria de me aprofundar. Já em relação aos personagens dos capítulos da perda da educação e do divórcio, obtive indicação de pessoas conhecidas.

3.3 Pós-produção

As entrevistas realizadas para o livro estavam salvas no gravador do meu celular. Optei por transcrevê-las através da ferramenta para jornalistas *Pinpoint*, do *Google*, que fez o serviço automaticamente. Depois só dei uma checada na transcrição, para garantir que estava tudo certo.

Realizei a última entrevista no mês de agosto e iniciei a escrita do livro no mês de setembro, perdurando até a metade de outubro. Cada capítulo ficou, em média, com 13 mil caracteres.

Para a capa do livro, optei por seguir com uma ilustração que representasse um dos principais traços da pandemia da covid-19: a máscara de proteção. Na capa, é possível visualizar três pessoas utilizando-as, sobrepondo uma cerca de arame farpado que é formada pela figura do coronavírus.

O livro também possui outras seis ilustrações que compõem o início de cada capítulo. Para o capítulo sobre perda da renda, que é o segundo logo após o prefácio, há a imagem de uma cédula de R\$ 100, com uma criança pulando em uma cama elástica, representando o dinheiro que a personagem fazia em um único mês, graças ao aluguel do pula-pula que tinha numa praça. A criança representa seu bebê de 1 ano e 8 meses.

Para a ilustração do terceiro capítulo sobre despejo, a ilustração mostra um viaduto cheio de barracas e tapumes – exatamente como é o viaduto Bandeirantes, cenário da história.

Já o quarto capítulo sobre perda da educação é ilustrado com uma pessoa debruçada sobre uma mesa e de frente para o computador – como muitas crianças e adolescentes passaram seus dias assistindo às aulas *online* durante a pandemia.

No quinto capítulo, optei por uma mão segurando um relógio, para representar a perda do tempo aos olhos de uma pessoa idosa. No sexto capítulo, que aborda o divórcio,

a ilustração mostra duas alianças, sendo que uma está partida ao meio, para representar a separação. No capítulo final, que trata da saúde mental, a imagem representa uma pessoa imersa na própria tristeza.

Para desenhar os perfis contratei a ilustradora Eduarda Ramos da Silva, que também diagramou e revisou o livro. O formato foi pensado para ser distribuído em PDF, na plataforma *Kindle*, da *Amazon*, para leitura *online*.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse livro surgiu da minha paixão pelo jornalismo literário e todas as vezes que eu parava para suspirar depois de ler frases que me deixavam imobilizada, seja pela história em si ou pela forma que a sentença foi escrita, de maneira absurdamente intensa. Desde que entrei na faculdade soube que iria querer escrever um livro-reportagem como produto do meu Trabalho de Conclusão de Curso. Sabia que talvez esse fosse um dos poucos momentos em que eu poderia me dedicar à produção de um livro, visto que, com a formação no curso de jornalismo, minhas obrigações tendem a aumentar.

Assim como aprendi e reconheci as perdas da pandemia, através das leituras diárias de algumas reportagens que li em diferentes veículos, também quis deixar minha contribuição para o jornalismo nesse sentido, e de maneira mais aprofundada, usando as potencialidades da mídia livro-reportagem. Os tipos de perda são diversos, mas acredito que através dos perfis escolhidos pude registrar o relato dos dados mais abordados pela imprensa, de uma maneira detalhada e, sobretudo, literária, de uma forma diferente daquela empregada pelo jornalismo *hard news*.

Os personagens perfilados nesse livro representam milhões de brasileiros. Através da leitura dos capítulos, é possível ter uma percepção maior do que a pandemia causou para aqueles que, apesar de não serem vítimas do vírus, tiveram perdas irreparáveis. Na minha obra deixo eternamente depoimentos únicos de um momento que abalou todo o mundo. Espero que esses depoimentos possam contribuir futuramente com todos que desejem entender o que foi essa pandemia e suas consequências. É preciso saber o que as vítimas da pandemia passaram, o que elas sentiram e como sobreviveram. Esse trabalho, obviamente, precisa continuar a ser feito, uma vez que mais perdas continuam a acontecer. A pandemia ainda não acabou e muitas pessoas seguem sendo prejudicadas. Neste livro, pude mostrar que toda perda é válida e que a pandemia tem rostos, idades, histórias e medos.

Depoimentos e histórias como as retratadas neste trabalho são o reflexo de um trabalho jornalístico preocupado com o registro documental, retratação da realidade e acima de tudo, humanização. Muitas vezes, como produtores ou telespectadores

passamos a admirar números e levantamentos, mas a pandemia nos mostrou que o relato pessoal ultrapassa os dados. Sempre é preciso sentir a vida por trás da secura dos números.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS. **Uma a cada 4 crianças e adolescentes teve sinais de ansiedade e depressão na pandemia, aponta estudo.** 17 jun. 2021. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/774133-uma-a-cada-4-criancas-e-adolescentes-teve-sinais-de-ansiedade-e-depressao-na-pandemia-aponta-estudo/>>. Acesso em: 29 ago. 2021.

AGÊNCIA SENADO. **Senado vota proposta que prevê fim dos despejos enquanto durar pandemia da covid-19.** 02 abr. 2020. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/videos/2020/04/senado-vota-proposta-que-preve-fim-dos-despejos-enquanto-durar-pandemia-da-covid-19>>. Acesso em: 20 set. 2020.

ALVES, Isabela. Mais de 14 mil famílias foram despejadas durante a pandemia no Brasil. **Observatório do Terceiro Setor.** 29 jul. 2021. Disponível em: <<https://observatorio3setor.org.br/noticias/mais-de-14-mil-familias-foram-despejadas-durante-a-pandemia-no-brasil/>>. Acesso em: 16 ago. 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA. **Atendimentos psiquiátricos no Brasil sofrem impacto da pandemia de Covid-19.** 11 maio 2020. Disponível em: <<https://www.abp.org.br/post/atendimentos-psiquiatricos-no-brasil-sofrem-impacto-da-pandemia-de-covid-19>>. Acesso em: 21 set. 2021.

AZENHA, Manuela. 'Não temos para onde ir': as famílias em ocupação de SP que temem o despejo no auge da pandemia. **BBC News Brasil.** São Paulo, 19 mar. 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56409697>>. Acesso em: 25 maio 2021.

BARBOSA, Marina. Brasil tem 125 milhões de pessoas que não sabem se vão se alimentar bem. **Correio Braziliense.** 14 abr. 2021. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2021/04/4918113-brasil-tem-125-milhoes-de-pessoas-que-nao-sabem-se-va-se-alimentar-bem.html>>. Acesso em: 27 out. 2021.

BELO, E. **Livro-reportagem.** São Paulo: Contexto, 2006.

BOCCHINI, Bruno. Número de remoções e despejos dobra em SP na pandemia. **Agência Brasil.** São Paulo, 03 ago. 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-08/numero-de-remocoes-e-despejos-dobram-em-sp-na-pandemia>>. Acesso em: 20 set. 2020.

CAMPOS, Ana Cristina. IBGE: desemprego na pandemia atinge maior patamar em agosto. **Agência Brasil**. Rio de Janeiro, 18 ago. 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-09/ibge-desemprego-na-pandemia-atinge-maior-patamar-em-agosto>>. Acesso em: 21 set. 2020.

CASTRO, G. e GALENO, A. (Orgs.) **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002.

CASTRO, Rodrigo. Divórcios crescem 54% no Brasil após queda abrupta no início da pandemia. **O Globo**. 12 ago. 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/epoca/brasil/divorcios-crescem-54-no-brasil-apos-queda-abrupta-no-inicio-da-pandemia-24635513>>. Acesso em: 21 set. 2021.

CÍCERO, José. Mais invisíveis que o vírus. **Agência Pública**. 28 jun. 2021. Disponível em: <<https://apublica.org/2021/06/mais-invisiveis-que-o-virus/>>. Acesso em: 27 out. 2021.

CNN BRASIL. **80% dos brasileiros ficaram mais ansiosos na pandemia, mostra pesquisa**. 27 out. 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/80-dos-brasileiros-ficaram-mais-ansiosos-na-pandemia/>>. Acesso em: 27 out. 2021.

COLÉGIO NOTARIAL DO BRASIL. **CONJUR: número de divórcios explode na pandemia e gera oportunidades de negócio**. 03 mar. 2021. Disponível em: <https://www.cnbsp.org.br/?url_amigavel=1&url_source=noticias&id_noticia=20820&lj=1920>. Acesso em: 15 nov. 2021.

CONCEIÇÃO, Ana; FRISCH, Felipe. Pandemia aumenta procura por atendimento de saúde mental. **Valor Econômico**. São Paulo, 19 abr. 2021. Disponível em: <<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2021/04/19/pandemia-aumenta-procura-por-atendimento-de-saude-mental.ghtml>>. Acesso em: 16 ago. 2021.

DAMASCENO, Victoria. Mais de 125 milhões de brasileiros sofreram insegurança alimentar na pandemia, revela estudo. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 13 abr. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/04/mais-de-125-milhoes-de-brasileiros-sofreram-inseguranca-alimentar-na-pandemia-revela-estudo.shtml>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

FUNDAÇÃO LEMANN. **94% dos estudantes mudaram o comportamento na pandemia**. 02 ago. 2021. Disponível em: <<https://fundacaolemann.org.br/noticias/94-dos-estudantes-mudaram-o-comportamento-na-pandemia>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

G1. **Ansiedade: Brasil tem maior índice de pessoas com transtorno no mundo.** 06 dez. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/12/06/ansiedade-e-o-transtorno-mais-comum-entre-os-brasileiros-sintomas-pioraram-durante-a-pandemia.ghtml>>. Acesso em: 27 out. 2021.

GALHARDI, Raul. Brasil é o país mais ansioso do mundo, segundo a OMS. **O Estado de São Paulo.** 05 jun. 2019. Disponível em: <<https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-e-o-pais-mais-ansioso-do-mundo-segundo-a-oms,70002856254>>. Acesso em: 27 out. 2021.

GAMEIRO, Nathália. Depressão, ansiedade e estresse aumentam durante a pandemia. **Fiocruz.** Brasília, 13 ago. 2020. Disponível em: <<https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/depressao-ansiedade-e-estresse-aumentam-durante-a-pandemia>>. Acesso em: 29 ago. 2021.

GANDRA, Alana. Pesquisa revela aumento da ansiedade entre brasileiros na pandemia. **Agência Brasil.** Rio de Janeiro, 31 out. 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-10/pesquisa-revela-aumento-da-ansiedade-entre-brasileiros-na-pandemia>>. Acesso em: 29 ago. 2021.

HARARI, Yuval Noah. Yuval Noah Harari: the world after coronavirus. **Financial Times.** 20 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.ft.com/content/19d90308-6858-11ea-a3c9-1fe6fedcca75>>. Acesso em: 5 nov. 2020.

HEWLETT, E; V, Moran. Making Mental Health Count: The Social and Economic Costs of Neglecting Mental Health Care. **Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico.** Paris, julho 2014. Disponível em: <<https://www.oecd.org/els/health-systems/Focus-on-Health-Making-Mental-Health-Count.pdf>>.. Acesso em: 25 maio 2021.

INSTITUTO SEMESP. **Mapa do ensino superior no Brasil.** 10^a ed. Disponível em: <<https://www.semesp.org.br/wp-content/uploads/2020/04/Mapa-do-Ensino-Superior-2020-Instituto-Semesp.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

JORNAL NACIONAL. **Número de famílias despejadas de casa cresce 340% na pandemia.** G1, 24 ago. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/08/24/numero-de-familias-despejadas-de-casa-cresce-340percent-na-pandemia.ghtml>>. Acesso em: 24 ago. 2021.

LIMA, E. P. **Jornalismo Literário para iniciantes.** São Paulo: Edusp, 2014.

Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Manole, 2008.

MANIR, Mônica. Setembro Amarelo: estudos mostram índices de suicídio estáveis na pandemia. **CNN Brasil**. São Paulo, 01 set. 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/setembro-amarelo-estudos-mostram-indices-de-suicidio-estaveis-na-pandemia/>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

MARIZ, Renata. Conselho Nacional de Educação recomenda evitar reprovação de alunos em 2020. **O Globo**. 07 ago. 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/conselho-nacional-de-educacao-recomenda-evitar-reprovacao-de-alunos-em-2020-24519859>>. Acesso em: 27 out. 2021.

MEDIA LAB ESTADÃO. **Segundo dados, apenas 5% da população brasileira possui curso superior concluído**. 24 ago. 2021. Disponível em: <<https://patrocinados.estadao.com.br/medialab/releaseonline/releasegeral-releasegeral/segundo-dados-apenas-5-da-populacao-brasileira-possui-curso-superior-concluido-2/>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

MELO, Karine. Cartórios registram aumento de 18,7% nos divórcios durante a pandemia. **Agência Brasil**. Brasília, 22 jul. 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-07/cartorios-registram-aumento-de-187-nos-divorcios-durante-pandemia>>. Acesso em: 20 set. 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Ministério da Saúde divulga resultados preliminares de pesquisa sobre saúde mental na pandemia**. 29 set. 2020. Disponível em: <<https://antigo.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/47527-ministerio-da-saude-divulga-resultados-preliminares-de-pesquisa-sobre-saude-mental-na-pandemia>>. Acesso em: 29 ago. 2020.

MORE: Mecanismo online para referências, versão 2.0. Florianópolis: UFSC Rexlab, 2013. Disponível em: <<http://www.more.ufsc.br/>>. Acesso em: 29 set. 2021.

NATALINO, Marco. ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NO BRASIL (SETEMBRO DE 2012 A MARÇO DE 2020). **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/200612_nt_disoc_n_73.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2021.

NAUMANN, Tatiana. Até que a pandemia nos separe: número de divórcios bate recorde no Brasil. **O Globo**. 22 jul. 2021. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/celina/ate-que-pandemia-nos-separe-numero-de-divorcios-em-cartorio-bate-recorde-no-brasil-25120081>>. Acesso em: 30 jul. 2021.

NERI, Marcelo C. Bem-Estar Trabalhista, Felicidade e Pandemia. **FGV Social**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <<https://cps.fgv.br/FelicidadeNaPandemia>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

NEVES, Cláudia. O Covid-19 e a Pandemia de Divórcios no Brasil. **JUS**. Junho 2020. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/82834/o-covid-19-e-a-pandemia-de-divorcios-no-brasil>>. Acesso em: 21 set. 2020.

OLIVEIRA, José Fernando Lima de. Mundo laboral e COVID-19: Consequências e possibilidades para a saúde mental. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 05, Ed. 10, Vol. 04, pp. 121-128. Outubro de 2020. ISSN: 2448-0959, Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/saude/mundo-laboral>, DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/saude/mundo-laboral>. Acesso em: 14 maio 2021.

ONCOGUIA. **Para 1/3 dos brasileiros câncer é causado por trauma psicológico**. 16 abr. 2019. Disponível em: <<http://www.oncoguia.org.br/conteudo/para-1-3-dos-brasileiros-cancer-e-causado-por-trauma-psicologico/12684/42/>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

ONU NEWS. **Covid-19: OMS divulga guia com cuidados para saúde mental durante pandemia**. 18 mar. 2020. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2020/03/1707792>>. Acesso em: 05 nov. 2020.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Transtornos mentais**. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/topicos/transtornos-mentais>>. Acesso em: 25 maio 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Uma em cada 100 mortes ocorre por suicídio, revelam estatísticas da OMS**. 17 jun. 2021. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/noticias/17-6-2021-uma-em-cada-100-mortes-ocorre-por-suicidio-revelam-estatisticas-da-oms>>. Acesso em: 27 out. 2021.

PAIXÃO, Patrícia (Org.). **Mestres da reportagem**. Jundiaí: In House, 2012.

PAMPLONA, Nicola. Segundo IBGE, 4,3 milhões de estudantes brasileiros entraram na pandemia sem acesso à internet. **Folha de São Paulo**. Rio de Janeiro, 14 abr. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/04/segundo-ibge-43->

milhoes-de-estudantes-brasileiros-entraram-na-pandemia-sem-acesso-a-internet.shtml>. Acesso em: 27 out. 2021.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Prefeitura de São Paulo divulga Censo da População em Situação de Rua 2019**. 21 jan. 2020. Disponível em: <<https://www.capital.sp.gov.br/noticia/prefeitura-de-sao-paulo-divulga-censo-da-populacao-em-situacao-de-rua-2019>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

R7. **Pandemia derruba renda média do trabalhador brasileiro a R\$ 995**. 16 jun. 2021. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/economia/pandemia-derruba-renda-media-do-trabalhador-brasileiro-a-r-995-16062021>>. Acesso em: 28 set. 2021.

REDE INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DE TÉCNICOS EM SAÚDE. **OPAS alerta: é preciso aumentar investimentos em saúde mental nas Américas**. 07 mar. 2019. Disponível em: <<https://www.rets.epsjv.fiocruz.br/noticias/opas-alerta-e-preciso-aumentar-investimentos-em-saude-mental-nas-americas>>. Acesso em: 25 maio 2021.

REVISTA FAPESP. **As dores emocionais na pandemia**. São Paulo, n. 294, agosto 2020. <<https://revistapesquisa.fapesp.br/folheie-a-edicao-de-agosto-de-2020/>>. Acesso em: 14 maio 2021.

ROCHA, Olímpio. Pelo despejo zero na pandemia. **Brasil de Fato**. 16 mar. 2021. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/03/16/pelo-despejo-zero-na-pandemia>>. Acesso em: 18 mar. 2021.

SÃO CAMILO ONCOLOGIA. **Leucemia deve atingir mais de 10 mil pessoas no Brasil este ano**. 20 fev. 2020. Disponível em: <<https://ibcc.org.br/leucemia-deve-atingir-mais-de-10-mil-pessoas-no-brasil-este-ano/>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

SILVEIRA, Daniel; CARVALHO, Laura. Desemprego fica em 14,6% e atinge 14,8 milhões no trimestre encerrado em maio, aponta IBGE. **G1**. Rio de Janeiro e São Paulo, 30 jul. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/07/30/desemprego-fica-em-146percent-no-trimestre-encerrado-em-maio-aponta-ibge.ghtml>>. Acesso em: 27 out. 2021.

TOKARNIA, Mariana. Mais de 5 milhões de crianças e adolescentes ficaram sem aulas em 2020. **Agência Brasil**. Rio de Janeiro, 29 abr. 2021. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2021-04/mais-de-5-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-ficaram-sem-aulas-em-2020>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO. **Metade dos alunos da rede pública do estado não acessou vídeo aulas.** 03 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.tce.sp.gov.br/6524-metade-alunos-rede-publica-estado-nao-acessou-videoaulas>>. Acesso em: 19 ago. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **As sequelas emocionais da pandemia.** 22 out. 2020. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/as-sequelas-emocionais-da-pandemia>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

VIDALE, Giulia. Karnal e Cortella: reflexões em tempos de coronavírus. **Veja.** 18 abr. 2020. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/saude/karnal-e-cortella-reflexoes-em-tempos-de-coronavirus/>>. Acesso em: 06 nov. 2020.

VIECELI, Leonardo. Renda média no Brasil cai abaixo de R\$ 1 mil pela 1º vez em 10 anos. **Folha de São Paulo.** Rio de Janeiro, 14 jun. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/06/desigualdade-bate-recorde-na-pandemia-e-renda-media-cai-a-pior-nivel-desde-2012.shtml>>. Acesso em: 27 out. de 2021.

Taxa de desemprego fica em 14,7%, nível recorde no país. **Folha de São Paulo.** Rio de Janeiro, 30 jun. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/06/taxa-de-desemprego-fica-em-147-nivel-recorde-no-pais.shtml>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis e como escrevê-los.** São Paulo: Summus, 2003.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo.** São Paulo: Cia. Das Letras, 1973.